PRESS-RELEASE

23 de Janeiro de 2007

Rita Magalhães

Reflets dans l`eau

Inauguração: 5ª feira – 1 de Fevereiro às 22H00
Até 3 de Março

Galeria Pedro Oliveira
Calçada de Monchique, 3 • 4050-393 Porto
Tel.: 22 200 71 31 / Fax.: 22 200 23 34
Tm: + 351 91 849 47 94
E-mail: galpo@mail.telepac.pt
Web site: www.galeriapedrooliveira.com

3ª feira – Sábado: 15H00 – 20H00

O que mais nos impressiona neste trabalho de Rita Magalhães é a preponderância da imagem reflectida na água, imagem que, por ser reflectida, imaginaríamos difusa. Mas, o que na realidade é difuso é o fundo da água ou, se quisermos, a própria água. Não adivinhamos um reflexo, mas uma cortina que nos separa da realidade, realidade que só entrevemos com nitidez quando uma cor quente se sobrepõe à própria cortina. Folhas secas, vermelhas, que flutuam, não sobre a água, mas dentro dela. Porque é dentro da água que descobrimos estar, onde a única presença é, por vezes, a de folhas vermelhas ou da imagem de um edifício que dentro dela flutuam.

Reflets dans l'eau, é o título que Debussy adoptou para a primeira do conjunto de três *Images* para piano, estreadas em 1906, e que levou Vladimir Jankélélevitch a referi-lo como «o músico dos reflexos que Monet havia pintado.» Então, música e pintura entregavam-se a um mesmo tema que a ambas suscitava movimento e cores em impressões difusas.

Cem anos depois, *Reflets dans l'eau* não é mais uma série de cores em imagens sem contornos reflectidas pela água de um rio, ou de rápidos e caprichosos arpejos segundo harmonias suspensas e justapostas.

Cem anos depois, *Reflets dans l'eau* são espectros azuis ou verdes e neles não parece haver som ou movimento.

Porquê *Reflects dans l'eau*? Imaginamos mais facilmente o que terá visto *Ondine*, antes de emergir para seduzir um mortal, no poema de Aloysius Bertrand que levou Ravel a escrever *Gaspard de la nuit*. Imaginamos *Transblucency*, em que Duke Ellington mistura o clarinete, o saxofone soprano e a voz de uma soprano lírica como quem mistura cores numa paleta e delas obtém um homogéneo e transparente azul. Imaginamo-nos até no adro da Catedral Submersa de Debussy, olhando para o céu para lá da água.

Ou então imaginamos o *silêncio*. Ou até mesmo *solidão*.

O extraordinário é admitir que o tema é o mesmo. Cem anos depois imaginamos tudo isto, embora continuemos a olhar para reflexos na água.

Francisco Albuquerque (Janeiro 2007)

Para imagens ou mais informações, contacte Nuno Lapa através dos contactos da Galeria Pedro Oliveira.